

Jazz

1 de junho 2014

Ciclo "Isto é Jazz?"

Comissário: Pedro Costa

Stefan Pasborg

Free Moby Dick

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Dom 1 de junho

21h30 · Pequeno Auditório

Duração: 1h · M3

Saxofone tenor e barítono Mikko Innanen

Saxofone tenor Liudas Mockunas

Baixo elétrico Nicolai Munch-Hansen

Bateria Stefan Pasborg

O 21st Century Schizoid Man da Dinamarca

Tal como os demais músicos de jazz, o dinamarquês Stefan Pasborg formou-se a tocar os *standards* do género. Aqueles temas que, na sua maior parte, nem são de jazz, mas da produção teatral da Broadway, como *Bye Bye Blackbird*, um *must* para várias gerações de praticantes. Pois não é por extensão desse princípio que ouvimos o seu grupo Free Moby Dick a mergulhar – com dedicação exclusiva, note-se – nos clássicos da história do rock. A motivação é outra.

Diz o baterista, compositor e arranjador: «Fartei-me dessas canções das décadas de 1940 e 50. Em determinada altura achei melhor continuar a

minha viagem musical em território desconhecido. Não são os *standards* que identificam o jazz. Para mim, jazz significa improvisação, nada mais. Foram tantas as correntes e tendências do jazz nos últimos 30, 40 anos que nem sei como é que o rótulo “jazz” sobreviveu a si mesmo. Estou focado na criação de bandas, e cada uma com um som próprio, uma ideia sólida por detrás. O que me conduz é a curiosidade. Foi só por isso que nasceu o projeto Free Moby Dick.»

Bem... Foi quase só por isso. O que acontece é que Pasborg não se interessa apenas pelo jazz. «Adoro rock, e *punk*, *pop*, *surf music*, os sons de África, os eruditos. Dispensar os limites e as fronteiras que existem na música. Cresci tanto a ouvir Jimi Hendrix, Elvis Presley e Stravinsky como Thelonious Monk, Miles Davis, Charles Mingus e Ornette Coleman. Descobri que pegar nos *riffs* de, por exemplo, *Paint it Black*, dos Rolling Stones, funciona muito bem num contexto abstrato. Os *riffs* mais primários do rock oferecem algo de especial à improvisação, pelo facto de serem muito fortes e de nos entrarem diretamente no sistema. Proporcionam um contraste e o certo é que a minha música tem tudo a ver com contrastes.»

Inútil será, pois, averiguar se Free Moby Dick tem raízes na fusão de uns Weather Report ou de uns Soft Machine ou na colagem de estilos operada por Frank Zappa e John Zorn. «Hmmm... É possível que me tenham ficado referências dessas audições, mas a forma como interpreto, ou melhor, reconverto, os temas do rock parece-me ser única,

comenta. Ou seja, não se trata de um regresso às fórmulas do jazz-rock...

Mais pacífico é entender que o facto de tocar bateria explica muito do seu interesse pelos ritmos do rock: «Sendo eu baterista, *riffs* como os de *Black Dog*, dos Led Zeppelin, sempre me atraíram. Participar nesses uníssonos é o mais longe que nós bateristas podemos ir em termos de “tocar notas” (risos). Nunca me atraiu a ideia de ser um músico rock, mas faz todo o sentido para mim combinar *riffs* com outros materiais. Abre-me as perspetivas.»

Além de garantir a propulsão percussiva, Pasborg intervém como arranjador neste quarteto que formou com os saxofonistas Mikko Innanen e Liudas Mockunas e com o baixista Nicolai Munch-Hansen, mas o que faz a esse nível convoca em simultâneo as suas facetas de compositor e improvisador. «Pois, o arranjo é, para os Free Moby Dick, recomposição e submissão do formato canção ao improviso. Divirto-me imenso com esta celebração da música que ouvia quando tinha 14 anos de idade. Faço-o sem concessões, mas também sem tentar fazer do rock uma coisa estranha e hermética. Segui a minha intuição quando decidi avançar. Designadamente, ser fiel à primeira ideia que nos vem à mente quando ouvimos, por exemplo, *Iron Man* dos Black Sabbath e responder da melhor maneira a questões como manter a intensidade quando não há distorções de guitarra envolvidas.»

Saliente-se que não é a primeira vez que Stefan Pasborg investe neste tipo de situações. Entre os seus grupos está o Stax Tribute que, como o nome indica,

é uma recapitulação do repertório *soul* e *funk* da editora discográfica Stax. A diferença é que, se essa é uma iniciativa de homenagem, o que implica uma certa fidelidade relativamente aos originais, Free Moby Dick tem, como afirma, «um âmbito mais artístico».

O que quer dizer que os parâmetros são bastante livres: «Só utilizamos as partes fortes dos temas e tocamos-las como nos apetece no momento. Se o propósito é desconstruir, fazemos precisamente isso. Fixamo-nos num *groove* e o que acontece parte daí. Procuo mostrar às pessoas que não estão familiarizadas com a música improvisada como é que tudo funciona com algo que já conhecem. *Seven Nation Army*, dos White Stripes, pode então surgir com uma batida afro de 6 por 8.»

Free Moby Dick e o Stax Tribute não são propriamente incursões periféricas no percurso jazzístico de Pasborg, ainda que, nas outras formações que dirige, o jazz possa ser mais explícito. «Não estou preso a uma noção conservadora do que é que o jazz tem de ser e sinto até dificuldade em encará-lo com um idioma específico. Há quem ache que o que faço não é jazz e quem me defina como jazz. O que todas as minhas bandas têm de comum é a improvisação e apenas isso me interessa, seja em combinação com composições ou integralmente, como acontece quando atuo apenas com o meu *set*. Os Ibrahim Electric estão orientados para o *groove*. O meu duo com Dawda Jobarteh, um tocador de kora da Gâmbia, tanto recorre a melodias tradicionais como a partituras de Ornette e Mingus», observa.

Nem um caso como Free Moby Dick é bizarro na cena jazz da Dinamarca (ou da Finlândia e da Lituânia, países de origem de outros membros do grupo), de que por cá sabemos pouco, em contradição com o que nos chega de outras nações escandinavas como a Suécia e a Noruega. Pasborg: «A presente cena dinamarquesa é muito, muito forte. Entre os anos 1960 e 90 o jazz que se criava não tinha grande personalidade. Seguiu-se demasiado cegamente o modelo norte-americano, até porque Dexter Gordon e Ben Webster viveram em Copenhaga durante algum tempo e deixaram marcas. Isso começou a mudar quando, desde há uns 15, 20 anos, surgiram novos músicos com outras ambições. O problema é que continuamos a não saber como promover o nosso trabalho fora de portas.»

A Dinamarca encontrou finalmente uma vitalidade que não existia, bem como a sua própria voz, e se Stefan Pasborg é apenas a ponta do icebergue, o certo é que as mudanças que ocorreram devem-lhe esforços como o de ter fundado a ILK Music, etiqueta que tem estado a fazer rodar pelo mundo, ou pelo menos a tentar, o jazz que hoje por lá se congemma. Um dos mais recentes lançamentos da ILK é – surpresa – um solo de piano de Jacob Anderskov com o título *Impressions of Radiohead*. Exato: a inspiração do disco foi fornecida pela banda de pop-rock de Thom York e Jonny Greenwood.

«Espero que esta visita a Portugal permita que vocês descubram um pouco do que temos para oferecer», remata um sorridente Stefan Pasborg, enquanto se

prepara para nos deixar confundidos com a maneira como entende um hino rock como *21st Century Schizoid Man*, dos King Crimson...

Rui Eduardo Paes
(crítico de música, ensaísta,
editor da revista “online” jazz.pt)

Riff – Padrão rítmico repetido, habitualmente presente no rock.

Groove – Termo aplicado à música que tenha um balanço rítmico pronunciado, mas que não coincide com os formatos mais fechados do *swing* no jazz. Presente em algum jazz contemporâneo, no rock mais ligado às raízes dos *blues* e da música afro-americana, no *funk*, na *soul* e nas músicas eletrónicas de dança.

Stefan Pasborg

Nasceu em 1974, em Copenhaga, na Dinamarca. Stefan Pasborg é um baterista cheio de energia oriundo do *melting pot* de Copenhaga, já três vezes vencedor de prémios de música dinamarqueses.

Aos 3 anos, arranjou um tambor de guerra, um zimbalaão e um chapéu alto do famoso baterista de jazz Alex Riel. Veio a tornar-se num músico muito particular da cena do jazz europeu.

Nos últimos anos a crítica tem classificado o seu trabalho com expressões como “... um dos melhores jovens bateristas na Europa... Para todos os que apreciam bateria e percussão no seu melhor, oiçam atentos o trabalho de Stefan e deliciem-se... Enérgico e extremamente competente, Stefan Pasborg é um baterista fenomenal! Estamos perante uma estrela emergente... Se a cena de jazz dinamarquesa continuar a criar talentos como, entre outros, Pasborg, parece que estamos a entrar numa nova ‘Era Dourada’ do jazz dinamarquês.”

Stefan já tocou e gravou com músicos como John Tchicai, Marc Ducret, Ellery Eskelin, Tomasz Stanko, Ray Anderson, Tim Berne, Palle Danielsson, Anders Jormin, Miroslav Vitous, Michael Formanek, Carsten Dahl, Jesper Zeuthen, Alex Riel, Mikko Innanen, Liudas Mockunas, Kjetil Møster, Lotte Anker e Peter Friis Nielsen, entre outros... Já fez digressões por quase toda a Europa, EUA, Canadá, África e Ásia – como líder e como *sideman*.

Nos Danish Music Awards 2004

foi galardoado com dois prémios. Foi considerado Novo Nome de Jazz no Ano e o seu álbum *Toxikum* foi votado a Descoberta de Jazz do Ano. O seu primeiro lançamento enquanto líder – *TriplePoint* (ILK 2007) – foi selecionado no TOP 5 mundial como o Melhor Álbum de Estreia de 2007 pela revista *All About Jazz*, de Nova Iorque. O último CD que lançou como líder, *Pasborgs Odessa – Xtra Large*, recebeu um Danish Music Award em 2011. É um dos membros fundadores da editora e coletivo ILK Music.

Stefan Pasborg foi escolhido para Artista Residente na Copenhagen Jazzhouse durante o ano de 2011 e, em 2012, a Televisão Nacional Dinamarquesa passou cinco programas sobre ele.

Liudas Mockunas

Nasceu em 1976, em Vilnius, na Lituânia. Representante do *free jazz* de vanguarda, moderno e criativo, a sua música elimina as fronteiras entre o jazz e a música académica. Explorando a natureza do som e o potencial dos sons harmónicos, Liudas desenvolveu o seu próprio estilo de tocar saturado com técnicas multifónicas. De acordo com a crítica, “este instrumentista de sopros, faz misturas nada ortodoxas, com sons que vão de expressivos esgotamentos instrumentais sobre horror fílmico a hinos apocalípticos e a sinos transcendentais. A sua música pode ser imprevisível, uma enérgica mistura de *free jazz*, lirismo e expressionismo da Europa Central.”

Mikko Innanen

Nasceu em 1978, em Lapinjärvi, na Finlândia. Innanen formou-se em 2003 no Departamento de Jazz da Academia Sibelius, a única universidade com nível musical académico na Finlândia. Innanen passou um ano dos seus estudos em Copenhaga, Dinamarca, no Rhythmic Music Conservatory.

Nos últimos anos tem tocado com numerosos grupos, incluindo várias bandas com outros músicos de jazz finlandeses tais como Nuijamiehet, Gourmet, Mr Fonebone e Mikko Innanen & Innkvisitio, ou ainda Delirium (com Danes Kasper Tranberg, Stefan Pasborg e Jonas Westergaard), Triot (com Pasborg e Nicolai Munch-Hansen), como convidado do Trio francês Triade (Cedric Piromalli, Sebastian Boisseau e Nicolas Larmignat), The European Jazz Youth Orchestra, baterista Teppo Mäkynen's Teddy Rok 7, Itchy (Jakob Dinesen, Jeppe Skovbakke, Rune Kielsgaard), Ulf Krokors – Iro Haarla Loco Motife, Ibrahim Electric, Espoo Big Band and the UMO Jazz Orchestra.

Tocou ainda com Han Bennink, Jaak Sooäär, John Tchicai, Ingrid Jensen, Anders Bergcrantz, Marc Ducret, Tim Hagans, Chris Speed, Barry Guy, Juhani Aaltonen, Liudas Mockunas, Hiroshi Minami, Lelo Nika, Billy Cobham, Andre Sumelius, Marcus Shelby e Dayna Stephens, entre muitos outros, incluindo praticamente todos os músicos da atual cena do jazz finlandês e um crescente número de artistas internacionais. Innanen ganhou uma

bolsa de um ano do Finnish State's Arts Council em 2003, o prémio de Melhor Solista na Competição Internacional de Grupos de Jazz em Getxo, Espanha, em 2000, e o 1.º Prémio da primeira edição do concurso de saxofone Jukka Perko em 2001. Em 2004 os jornalistas de jazz finlandeses votaram em Innanen como o segundo melhor saxofonista (alto, soprano e barítono) dos anos 2003 e 2004.

Nicolai Munch-Hansen

Nasceu em 1977 na Dinamarca. Baixista e compositor, Nicolai Munch-Hansen alcançou uma merecida posição como um dos mais requisitados baixistas da Dinamarca. Integrado numa geração de jovens músicos criativos, move-se livremente entre os géneros do jazz e do rock, tocando tanto o baixo elétrico como o contrabaixo, dominando quer a improvisação quer o *groove*. Munch-Hansen tem feito digressões e gravações com regularidade com músicos dinamarqueses e artistas de outras nacionalidades como Rokia Traore (Mali), Kira Skov e Jakob Bro, entre muitos outros. Nicolai Munch-Hansen lançou três álbuns a solo, muito bem acolhidos pela crítica: *Wanna Do Right But Not Right Now* (2007), *Chronicles* (2010) e *Æter* (*Ether*) (2013).

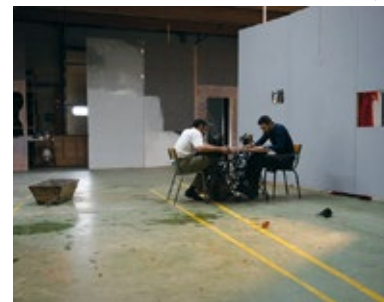
Próximo espetáculo

Le Capital

O Capital de Karl Marx
Encenação de Sylvain Creuzevault
Integrado no Alkantara Festival

Teatro Sex 6, sáb 7, dom 8 de junho

Palco do Gr. Aud. · 21h30 · Dur. 2h30 · M12
Em francês, com legendas em português



© Marine Fromanger

Um espetáculo sobre as estruturas secretas do modo de produção capitalista, tendo por intermediário o mui shakespeariano Karl Marx. Será Inferno, será Paraíso? Garantiram-nos que será uma *Difícil Comédia*.

Próximo espetáculo de música

Lencastre, Prochazka, Cabaud

Ciclo “Jazz +351”
Comissário: Pedro Costa

Jazz Seg 23 de junho

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M3



Este trio dedica-se a uma improvisação livre em todo o tipo de cores e texturas. É o campo inteiro do jazz que está nas suas mãos, sem preconceitos nem limites.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Estagiária:

Teresa Vaz

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiárias:

Mariana Cunha

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
